

A arte é uma expressão figurativa da realidade que se distingue de outras expressões, seja pela forma, seja pela intencionalidade. A arte é um produto social e não pode escapar dessa condição. Ela, numa sociedade de classes, a arte sempre se posiciona, sempre está engajada em um ou outro lado da luta. Qual é o lado que a arte e os artistas devem ficar? A resposta, segundo a autoimagem construída da mesma, parece ser óbvia. Mas a história mostra o contrário. A arte fica, geralmente, do lado do poder e do capital. Isso é explicitada muitas vezes diretamente, mas a maioria das vezes se revela através do discurso falacioso da “arte pela arte” ou “autonomia da arte”.

Essa arte hegemônica, no entanto, sempre enfrenta a arte engajada, aquela que assume seu engajamento na luta pela transformação radical e total das relações sociais, a constituição de uma nova sociedade, na qual a arte seja atividade de qualquer indivíduo e não de especialistas, sendo uma das formas de manifestar o conjunto das potencialidades humanas. A arte intervencionista é uma das formas que assume a arte engajada. O movimento intervencionista não se cala diante da arte hegemônica, realiza a sua crítica e apresenta uma nova forma de fazer, conceber, produzir, arte.

Não deixa de ser curioso como a arte se transforma com as mudanças sociais. A música popular brasileira, por exemplo, se fez crítica durante o regime militar, até por pessoas das quais não se esperava isso (artistas venais, por exemplo). No entanto, durante as crises, radicalização da luta de classes, desestabilização, etc., a arte tende a “tomar partido”, seja ele qual for, explicitamente, quando isso é possível. Durante a Comuna de Paris, primeira experiência autogestionária da história, muitos poetas e



artistas (incluindo Emile Zola) colocaram suas penas a favor da burguesia e poucos, como Rimbaud, fizeram o contrário. Essa tendência, no entanto, entra em contradição com as ideologias e tendências hegemônicas na esfera artística. Por isso não é generalizada, bem como enfrenta a oposição, quando assume o lado do proletariado ou do bloco revolucionário, do capital comunicacional e do aparato estatal, seus principais financiadores.

Esse é o caso dos artistas brasileiros hoje. Aqueles vinculados aos meios de comunicação e com espaços comunicacionais e institucionais pouco vem se posicionando diante da desestabilização do regime de acumulação integral na sociedade brasileira. Alguns tentam se posicionar, mas por sua falta de formação política, não conseguem avançar muito em suas críticas. Outros avançam relativamente. Mas são exceções. Nas recentes disputas políticas institucionais tivemos o confronto entre artistas que representavam distintas tendências dentro da sociedade brasileira. Nesse caso, foram exemplares os posicionamentos de cantores populares, como Lobão e Chico Buarque, um assumindo a perspectiva do bloco dominante em sua ala oposicionista e outro o lado da ala governista. Os artistas que se posicionaram, ficaram de um dos lados que disputavam o poder e não do lado da população. Outros, mais críticos e certamente mais próximos dos interesses da população, fazem músicas sobre “impostos” ao invés de tratar das questões fundamentais.

Esse é um destes momentos de desestabilização. É um momento de posicionamento e a arte não pode ser furtar de tomar uma posição. É tempo de uma arte intervencionista, “quem sabe faz a hora”. Agora é o momento. A arte deve se posicionar não de um ou outro lado do poder ou daqueles que ambicionam tomar o poder falando em nome do “povo” e sim do lado da maioria da população e do proletariado, defendendo o projeto autogestionário.

